

SER LÍDER DE GRUPO DE PESQUISA: ENTRE DESAFIOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS

Lucídio Bianchetti, Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Brasil,
lucidiob@gmail.com

Elisa Maria Quartiero, Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC, Brasil,
elisa.quartiero@gmail.com

É no contexto do grupo de pesquisa que se constroem as relações que possibilitam transformar dados brutos em pensamento e, principalmente em práxis: o encontro de diversos sujeitos em heterogêneos estágios de formação-qualificação - da iniciação científica ao pós-doutorado - que ao compartilharem o espaço-tempo do grupo de pesquisa, ampliam sua compreensão sobre o processo da pesquisa, constroem seus Relatórios, Trabalhos de Final de Curso, Monografias, Dissertações e Teses ao mesmo tempo em que se formam como pesquisadores.

Em pesquisa desenvolvida entre 2015 e 2019¹, investigamos as possibilidades dos grupos de pesquisa como espaços formativos privilegiados para a consolidação da práxis orientadora na Pós-graduação em Educação. Para termos dados sobre a organização e o funcionamento dos grupos de pesquisa e as percepções e convicções de seus líderes sobre o potencial do grupo como espaço de formação de pesquisadores e orientadores de dissertações e teses, aplicamos questionário *online* a todos os docentes/pesquisadores que atuavam nos 74 Cursos de Doutorado da área de Educação no país, em 2018, em um total de 1.971 sujeitos. A escolha deveu-se à constatação, em sondagem realizada junto ao Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, que estes docentes atuavam como líderes em seus grupos de pesquisa. Deste universo, 561 docentes (28,43%) participaram da pesquisa respondendo o questionário. Na especificidade deste texto, destacamos os depoimentos em que os líderes refletem sobre o sentido do seu grupo de pesquisa para a formação de pesquisadores e as conquistas e dilemas deste processo eivado de questões teórico-metodológicas e éticas e que evidenciam ser construído no cotidiano das experiências e ações desencadeadas pelos participantes do grupo.

¹ “Formação e atuação de orientadores de dissertações e teses: De uma prática intuitivo-individual a uma práxis coletivo-grupal” (Bolsa Produtividade CNPq, 2015-2019).

No processo de análise das manifestações dos líderes sobre o funcionamento do grupo assim como as possibilidades de formação nesse espaço encontramos três conceitos que perpassaram vários depoimentos: a colaboração, o compartilhamento e a autoria. Destacamos depoimentos que expressam a presença destes conceitos - intensamente imbricados - no seu processo de trabalho assim como o seu entendimento.

Ao referirem-se à colaboração fica evidente o seu sentido de prática que coloca as competências individuais à disposição do grupo, em que a autoria coletiva permite evidenciar e reconhecer os esforços e resultados individuais. Em seu depoimento, uma professora expressa este trabalho: *os alunos sentem-se amparados em um grupo, respaldados e, ao mesmo tempo, responsabilizados com o estudo e a produção coletiva. Vejo que os alunos novos que entram sentem o clima de estudo rigoroso, de cuidado com a escrita e com o outro e vão se engajando nesse ethos. [...] Generosidade e rigor intelectual, estudo e escrita comprometida, trabalho coletivo se aprende vivendo.* Podemos dizer que o objetivo de uma abordagem colaborativa é criar uma metodologia de pesquisa e aprendizagem que possibilite ao participante do grupo de pesquisa se tornar progressivamente mais autônomo, tanto na sua forma de conhecer quanto na forma de participar no grupo. Este aspecto é mais evidente no depoimento de outra professora: *Certamente o apoio principal é a entreaajuda e o reconhecimento das dificuldades em avançar nas pesquisas como desafios não apenas individuais, mas também coletivos, ou seja, os problemas e desafios que eu enfrento são também dos outros. É, portanto, um espaço de qualificação das pesquisas, mas também de solidariedade.*

Tanto o compartilhamento - socialização das produções e incentivo às trocas e o diálogo no grupo - como a autoria - disponibilidade e a ação para a produção, a criação e a crítica - perpassam os depoimentos dos pesquisadores. Entre os 571 participantes da pesquisa, 256 apontam aspectos referentes a estes dois conceitos. Entre eles, um pesquisador analisa que: *o grupo tem um papel fundamental na medida em que envolve vários níveis de formação - da iniciação científica aos doutorandos - e compromete a todos os seus componentes a contribuir responsável e honestamente com o trabalho do colega. É no grupo que são cultivados valores acadêmicos como empenho pessoal, corresponsabilidade, cooperação, trabalho coletivo, honestidade intelectual etc.* Outro participante ressalta que o processo tem muitas pedras pelo caminho, pois *surgem tensões nesses debates*, mas considera que *são importantes para o crescimento e formação como*

pesquisadores e como futuros orientadores. Sobre o compartilhamento, um pesquisador reflete que há o estabelecimento de um parâmetro ético por parte dos pesquisadores entre si, especialmente, por parte do pesquisador em formação enquanto aquele que executa atividades embasado numa justificativa sobre o sentido de atuar em um grupo de pesquisa: não apenas alimentar-se do grupo, como também devolver a ele, os frutos colhidos a partir de sua imersão no trabalho e de seus compromissos com a coletividade.

Em uma perspectiva, o grupo de pesquisa pode ser o espaço do exercício de poder, pois organiza-se geralmente dentro de uma hierarquia acadêmica (líder, pós-doutor, doutor, doutorando, mestre, mestrando, graduado e graduando). Neste sentido, pode funcionar como um espaço em que ocorre uma apropriação individual da produção coletiva, em que a subserviência e a competição são partes constantes do trabalho em grupo constantes e as fronteiras éticas estão permanentemente em tensão. Como analisa em seu depoimento uma das pesquisadoras que participaram da pesquisa ao evocar a principal dificuldade que encontra ao organizar o trabalho no grupo: *o eventual clima de competição [com os subprodutos de inveja, retraimento, exibicionismo...] que pode se estabelecer, conforme as experiências, expectativas e índoles dos participantes. Como em qualquer grupo, o clima positivo e produtivo (que também emerge de uma certa leveza e calor humano) é um ideal a ser constantemente perseguido e lapidado.* Do líder do grupo espera-se que realize a gestão dos conflitos e, ao mesmo tempo, potencialize as alternativas e saídas coletivas, por meio de “habilidades dialógicas” que se traduzem em uma “gama de ações implicadas em ouvir com atenção, agir com tato, encontrar pontos de convergência e de gestão da discordância ou evitar a frustração em uma discussão difícil” (SENNETT, 2012, p. 15). Segundo o autor, com certeza “existe um aspecto ético na capacidade de ouvir e trabalhar em sintonia com outros” e analisa que a cooperação, como habilidade, “requer a capacidade de entender e mostrar-se receptivo ao outro para agir em conjunto, mas o processo é espinhoso, cheio de dificuldades e ambiguidades e não raro leva a consequências destrutivas” (IDEM, p. 16).

Por outra perspectiva, o espaço do grupo de pesquisa, pode constituir-se em uma verdadeira ágora, um espaço de realização de todas as potencialidades da cooperação e do acolhimento, bases da possibilidade de construção da autonomia do pesquisador individual, em que, segundo outra pesquisadora, *o Grupo dessacraliza a figura do orientador onissapiente e mostra a riqueza da troca honesta e solidária no ambiente*

universitário. É o espaço, para além da simpatia entre os membros do grupo, da empatia, desse exercício de colocar-se no lugar do outro. A “empatia é uma prática mais exigente, pelo menos na escuta; o ouvinte precisa sair de si mesmo” (SENNETT, 2012, p. 34). É o espaço-tempo por excelência no qual é exercitado o processo de afiliação institucional e intelectual (COULON, 2017), de pertencimento dos acadêmicos, no desafiador exercício de construírem-se como pesquisadores. Um pesquisador resumiu assim a importância da solidariedade no grupo: a troca objetiva de leitura e experiências é um elemento formativo já bem conhecido e notável. No entanto, quero deixar registrado algo mais sensível, a minha certeza do caráter pedagógico da solidariedade. Eu não tenho dúvidas que a solidariedade acadêmica pode ser aprendida pelo exemplo e pela troca, pela mímica social, pelas trocas de afeto, de identificação diante das dificuldades e das coisas boas também.

Estas questões permeiam muitos depoimentos e constatamos um movimento de reflexão sobre o trabalho de orientador e pesquisador no grupo, como faz esta líder: *questões como: “que tipo de inspiração eu estou promovendo” ou “que caminhos de formação eu estou possibilitando”, “em que medida estou contribuindo com a formação desses sujeitos”, “de que maneira eu posso melhorar essa minha contribuição e agregar mais valor tanto para o indivíduo quanto para a sociedade” são recorrentes nas discussões teóricas e da própria formação. Penso que isso coloca no horizonte uma reflexão permanente do modo como cada um pensa em ocupar seu lugar no mundo, na academia e fora dela. É importante ter no horizonte que o que fazemos na Universidade como orientadores, vai além de produzir um texto de dissertação ou tese. É preciso considerar que tudo isso implica e consiste em um processo de formação para a vida.*

Constatamos, por meio dos seus depoimentos, que os líderes desempenham papel central na organização e gestão do seu Grupo de Pesquisa pela sua ascendência intelectual, que os levam a serem reconhecidos tanto no plano das discussões teóricas como no desenvolvimento das pesquisas empíricas, bem como nos aspectos ligados às relações interpessoais. É neste contexto que se situam e se materializam os desafios éticos e metodológicos da constituição e da atuação dos líderes de grupos de pesquisa.

Referências

COULON. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1239-1250, out./dez., 2017.

SENNETT, R. *Juntos*. Os rituais, os prazeres e a política da cooperação. São Paulo e Rio de Janeiro: Record, 2012.